



Roma, 9-13 / 05 / 2016

## SOLIDARIEDADE PARA A VIDA NA PERIFERIA

Irmã Mary Sujita, SND

### Introdução

Estou maravilhada de que a UISG alguma vez pensou em convidar uma simples Irmã da aldeia como eu, para falar à esta augusta assembléia. Eu estou aqui como uma voz vinda da periferia. A Solidariedade Global para a Vida com os marginalizados é um tema muito querido ao meu coração e, de facto, ao coração de cada religioso. Felicito a liderança da UISG por porem continuamente o seu foco de atenção, nesta agenda mais importante para o nosso discipulado e missão hoje. Eu acredito que os pobres continuarão a conduzir-nos ao coração da nossa missão, para onde pertencemos e, na verdade, ao próprio coração de Deus. Hoje, eu gostaria de oferecer algumas simples reflexões que fluem principalmente dos meus muitos anos de experiência vivida entre um dos grupos mais marginalizados de pessoas em Bihar, na Índia, que tinham moldado a minha própria espiritualidade e desafiado a minha maneira de ser religiosa e de ser missionária.

Um tema recorrente para o Papa Francisco foi o que ele chama a "periferia" e o movimento da Igreja, saindo do centro para as periferias do nosso mundo globalizado. Dias depois de sua eleição (3 de Março de 2013), ele fez a sua aproximação para a periferia muito claro quando disse: "E como eu gostaria de ter uma Igreja que é pobre e para os pobres." [E come vorrei una chiesa povera e per i poveri!] Desde então, ele repetiu esse mesmo desafio uma e outra vez: "Ide para os pobres, ide para as periferias." Há um senso de urgência na sua chamada quando ele convida-nos a recriar a vida religiosa e a missão de uma forma radical, e encontrar a nossa verdadeira identidade nas periferias. Se nos pede não só para olhar ao nosso redor para identificar as periferias, mas para identificar as pessoas mais negligenciadas e periferizadas em torno de nós, ao mesmo tempo que nos envolvemos nos nossos ministérios apostólicos. À nós e à toda a Igreja Ele continua a desafiar, para sair de nós mesmos e para ir às periferias e para proteger-nos de se tornar-nos auto-absorvidas! Na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco diz: "Eu prefiro uma Igreja que está machucada, esmagada e suja porque tem estado nas ruas, em vez duma Igreja que não é saudável por ser confinada e apegada a sua própria segurança." O tema desta Assembléia da UISG é uma resposta clara a esta patente chamada do Papa. Juntas, como mulheres consagradas, precisamos procurar a relevância e as implicações do presente convite para a nossa vida e para o nosso compromisso apostólico com o nosso mundo de hoje. Esta Assembléia é um tempo privilegiado para fazer um minucioso exame de consciência e fazer algumas perguntas difíceis. Como indivíduos, comunidades, instituições e congregações, onde estamos localizadas principalmente? Onde e por quem estamos vistas e experimentadas a mais? Para onde é que o Espírito nos está levando afim de re-situar-nos como profetas do Reino de Deus? Podemos juntar as nossas cabeças e os nossos corações para procurar uma resposta?

### Jesus: Filho de Deus das periferias

Nós vemos em Jesus que a solidariedade não é sobre o que fazemos, mas sim, como vivemos! Trata-se de nosso testemunho pessoal e comunitário de vida. Tudo é sobre relação. Jesus podia falar e agir com liberdade e autoridade, porque ele falou desde a sua profunda experiência de Deus. Jesus aprendeu a solidariedade desde o seu

conhecimento de coração sobre o seu Amado *Abba*, total unicidade com o *Abba* e, conseqüentemente, relacionava-se com todos ao seu redor como irmãos e irmãs. Para nós, como mulheres consagradas também, esse sustentado intimidade divina é o requisito fundamental para envolver-se uns com os outros em solidariedade, e para deslocarmos as periferias com o coração e a mente de Jesus. É somente quando o Espírito de Deus assume a nossa vida, então é quando podemos levantar-nos, ouvir e entender o que Deus quer dizer-nos. Nós não podemos ser mulheres em chamas para a missão de Jesus, mulheres de solidariedade global e de construção da paz, a não ser que vivamos uma vida de ascetismo necessário e de intimidade contemplativa com Deus.

*O baptismo de Jesus foi um momento decisivo na sua vida e missão. Foi então que o Espírito de Deus desceu sobre ele e assumiu o comando do seu destino. (Mc 1:9-12) Foi então que ele proclamou publicamente a sua união com a condição de todas as pessoas, e foi totalmente agarrado pela realidade da humanidade. No momento em que Jesus entrou na sua missão, ele assumiu uma posição em pro de todos os marginalizados, os anawim, os da periferia, sejam eles marginalizados economicamente ou sócio-culturalmente. Ele estava bem ciente das estruturas injustas que criaram a marginalização ea pobreza. O Deus de Jesus é claramente um Deus compassivo que ouve o clamor do pobre, da viúva e do órfão. (Dt 10:17-18; Sl 68:5) Jesus entrou nas dores e lutas dos pobres e viveu em solidariedade com eles. O seu estilo de vida, a classe de seguidores que Ele escolheu, e o foco do seu ministério, são todas expressões da sua identificação e solidariedade com aqueles nas periferias. O movimento de Jesus foi profético e contra cultural e, portanto, revolucionário desde o início. Qual foi um dos seus momentos de Baptismo como uma mulher consagrada para a missão de Jesus? (Compartilhar por mesas)*

"Jesus foi profundamente contemplativo, intensamente humano em suas relações pessoais e autenticamente radical em suas opções sociais. Ele era um místico dado à contemplação tranquila, à oração solitária e ao silêncio. "Ele permanecia retirado em lugares desertos e rezava lá" Lucas 5:16. Ao mesmo tempo, "Ele era uma pessoa de acção intensa e compromisso radical" (Tissa Balasuriya: Globalização e Solidariedade Humana). Quando estamos enraizados em Deus, vamos a ser expulsos desde dentro para sair da nossa zona de conforto e ser tomadores de risco e curandeiros proféticos, cuja presença e testemunho vai desafiar os poderes opressivos e divisivos na nossa sociedade. O espírito de liberdade e amor são fundamentais para a construção da solidariedade global para a plenitude de vida. De acordo com George Soares-Prabhu, SJ, um dos aspectos mais significativos da espiritualidade de Jesus era "liberdade e amor, levando à identificação com o impotente e ao confronto com aqueles no poder."

Jesus era um verdadeiro "atravessador de fronteiras" quando se tratava de muitas das fronteiras religiosas, sociais e econômicas rigidamente mantidas de seu tempo. Foi essa passagem fronteira que levou-o à cruz. A transformação que ele estava trazendo, incomodou todos aqueles que viviam no conforto da auto-justificação. Hoje, você e eu somos desafiadas a identificar e cruzar as fronteiras rigidamente mantidas e confortáveis da nossa vida religiosa e passar para as periferias. Pergunto-me se estamos reduzindo a "picada profética" na nossa chamada por abocanhar o jargão profético, teológico e sociológico mais recente, que nos dá uma boa sensação de estar fazendo a missão de Deus, mesmo quando estamos ocupados fazendo a nossa própria missão de conservar o passado, de proteger as nossas instituições, ou de legitimar o presente! Como podemos recapturar o fogo original da missão de Jesus e o manancial de fogo que herdamos como congregações, para que as nossas energias criativas sejam liberadas para a edificação do Reino de Deus? Que cada uma de nós aqui presentes, perguntemo-nos: Durante estes últimos 3 - 5 anos, que "fronteiras" eu tinha cruzado afim de ir para as periferias, como resposta às urgências da Igreja e do mundo?

### **O contexto da nossa missão hoje -- as periferias do nosso mundo globalizado**

A realidade e a crise do século 21 apresentam enormes desafios para a nossa forma habitual de ser e de fazer as coisas. O nosso mundo está em crise. Alguns dos sinais críticos das crises são as fracturas e divisões evidentes na extrema pobreza, na degradação ecológica, nos conflitos violentos e nas guerras, e a conseqüente mega-migração e tráfico de pessoas, que nós, seres humanos, continuamos a tolerar e até aceitar como o "novo normal." Muitas vezes ouvimos que acompanhar os bilhões de últimos para a plenitude de vida, é a nossa chamada dos tempos. O que significa, essencialmente, quando dizemos que estamos a levar a cabo a missão de Jesus hoje, onde muitos estão com fome, perseguidos, expulsos e marginalizados; onde os sem casa estão sempre a aumentar; onde as pessoas humanas, criadas à imagem de Deus, são traficadas, abusadas, vendidas e discriminadas devido à raça, casta, sexo,

religião, local de origem; onde os recursos da terra são saqueados com cobiça pelos poderosos; onde as formas modernas de escravidão estão aumentando; onde a política tornou-se uma arma de opressão e de auto-indulgência; onde o fundamentalismo religioso está destruindo povos e nações? Sabemos que todos os problemas sociais neste século são de natureza global. Estas questões importantes chamam-nos para uma nova presença de solidariedade global, uma nova maneira de viver a nossa opção Evangélica pelos pobres no mundo de hoje. Nós já não podemos reduzir a missão em alguns ministérios institucionais tradicionais e boas obras de caridade (que são necessários!) e permanecer complacentes!

**Sessão de aprofundamento: Pense numa palavra, frase, sentimento ou imagem que descreve o nosso mundo de hoje para você. (Partilha no seu grupo de mesa.)**

Vamos dar uma rápida olhada para algumas das periferias que chamam-nos à acção profética hoje. Vocês vão ouvir mais sobre isso dos nossos painelistas.

**Vivemos em um mundo de pobreza desumanizante:** De acordo com *The Economist*: A riqueza global aumentou de US \$ 117 trilhões em 2000, para US \$ 262 trilhões em 2014. No entanto, o 94,5% da riqueza das famílias é propriedade de 20%. O fosso entre os ricos e os pobres está aumentando! Hoje, cerca de 22% da população do mundo vivem abaixo de US \$ 1,25 / dia. É uma realidade chocante que cada dia um em cada cinco da população do mundo, que é cerca de 800 milhões de pessoas, passam fome, e a cada 20 segundos, uma criança morre duma doença relacionada com a água. Em termos reais, como somos afectadas por estas realidades?

**Vivemos em um mundo de conflitos:** Papa Francisco fala duma terceira guerra mundial não declarada que está acontecendo em muitas formas e em muitos lugares, conectadas de forma invisíveis. Estes conflitos são muitas vezes causados por questões territoriais geopolíticas, pela luta sectária e étnica, pelo fundamentalismo religioso e avareza dos escassos recursos. A cada ano, pelo menos 250.000 pessoas morrem em conflitos armados e milhões são forçados para fugir fora de suas casas e tornarem-se refugiados. Actualmente, há um total de 66 países envolvidos em guerras, mais de 686 milícias (guerrilheiros e separatistas) envolvidos em conflitos violentos em diferentes partes do mundo. Qual é a nossa contribuição prática para a construção da paz?

**Vivemos em um mundo de migrantes, refugiados e requerentes de asilo:** De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, o número de refugiados e pessoas deslocadas internamente, são mais de 60 milhões, está no ponto mais alto desde a Segunda Guerra Mundial. Isso significa que uma em cada 122 pessoas no mundo inteiro é um refugiado, e metade delas são mulheres e crianças. Sim, o nosso é um mundo de refugiados! Estes indivíduos foram deslocadas à força no mundo inteiro como resultado de perseguição, de toda classe de conflitos, de violência ou de violações dos direitos humanos. Qual é a nossa resposta colectiva à esta grande tragédia humana do nosso tempo? Vocês vão ouvir mais sobre isso dos nossos painelistas.

**Vivemos em um mundo que permite o tráfico de pessoas:** Papa Francisco diz-nos que o tráfico humano é "uma ferida aberta no corpo da sociedade contemporânea, um flagelo sobre o corpo de Cristo, é um crime contra a humanidade." Hoje, no mundo, há uma estimativa de 27 milhões de pessoas traficadas, o número mais alto registrado na história! O tráfico de seres humanos é a terceira maior indústria de crime internacional, que vem depois das drogas ilegais e de tráfico de armas. ("O Projecto de CNN Freedom". Acessado em 4 de Março de 2015). Tráfico de mulheres e crianças para exploração sexual, é a empresa criminosa com mais rápido crescimento no mundo. A desigualdade de gênero e as leis discriminatórias encadeiam as mulheres em situação de pobreza, e não são capazes de protegê-las da violência, tornando-as vulneráveis à prostituição e ao tráfico. Durante os últimos anos, um número de mulheres religiosas começaram a trabalhar neste ministério desafiador e estão fazendo a diferença entre as pessoas traficadas. Será que realmente tínhamos explorado e utilizado o enorme potencial que temos como mulheres e religiosas, para uma solidariedade global mais pronunciada e profética que pode desafiar os sistemas e as estruturas que continuam a criar e sustentar este horrível crime?

**Será que essas "periferias" desafiam-nos à sermos mulheres de solidariedade global?**

O nosso aumento de sensibilização para a situação do mundo, traz consigo uma responsabilidade acrescida para com as pessoas que são obrigadas a permanecer pobres e marginalizados, pelas estruturas, grupos e indivíduos. São João Paulo II em *Sollicitudo Rei Socialis* faz-nos lembrar que a solidariedade "não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos infortúnios sofridos por tantas pessoas, tanto próximas como distantes. Pelo contrário, é uma determinação firme e perseverante de comprometer-se ao bem comum; isto é, para o bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis de todos".. Solidariedade significa a disposição de considerar injustiças cometidas contra o outro como não menos grave do que uma injustiça contra si mesmo. A solidariedade genuína requer o entendimento ao nível de coração da nossa chamada profética e um compromisso total com o movimento de Jesus para a libertação integral de cada pessoa humana. É necessária uma acção comum de nós, como pessoas consagradas, juntamente com todas as pessoas de boa vontade, para abordar as causas fundamentais de injustiça e as fontes de violência no nosso mundo.

A solidariedade genuína significa envolvimento com pessoas reais, especialmente os pobres e marginalizados do nosso tempo. Papa Francisco faz-nos lembrar que "A palavra-chave que não precisamos de temer é 'solidariedade', isto é, saber como disponibilizar a Deus o que temos, a nossa humilde capacidade, porque só no dom de partilhar as nossas vidas, seremos frutíferos," (30 de Maio de 2013 homilia na Basílica de São João de Latrão, em Roma.) Ele repetidamente exorta-nos a viver a nossa solidariedade, indo para as periferias existenciais do nosso mundo moderno. Ele convida-nos, como congregações religiosas, para mudar o centro de importância das nossas obras apostólicas. Uma e outra vez ele desafia toda a Igreja, *para sair de nós mesmos e ir para a periferia e para proteger-nos de se tornar-nos auto-absorvidas!* Reconhecemos as pessoas mais negligenciadas e periferalizados em torno de nós? Este toca o núcleo mais profundo do meu ser quando sou consciente das implicações radicais do que Jesus disse em Mateus 25. No final de tudo, Jesus, a quem chamamos de nosso Amado e Senhor, para quem nós deixamos tudo, tem um conjunto de *perguntas focalizadas na "periferia" para nós, tudo sobre o nosso relacionamento com os marginalizados e os necessitados. Dás de comer aos famintos? Dás de beber à quem tem sede? Acolhes o estrangeiro? Dás de vestir ao nu? Visitas os doentes? Visitas os prisioneiros? No contexto das nossas realidades actuais de hoje em dia, quem são estas pessoas com fome, com sede, desabrigadas, nuas, doentes, presas, em quem Cristo está em agonia?* (cfr. Ronald Rohlheiser) Quais são as implicações práticas para nós como religiosas que estamos a negociar a sério, um estilo de vida de solidariedade global afim de alcançar a plenitude de vida que Jesus prometeu para todos?

O nosso compromisso sincero com a justiça e a preocupação activa para com os pobres são peças absolutamente inegociáveis de viver a nossa fé e o nosso discipulado. Hoje há tanta teologia e escritos sobre a opção radical pelos pobres e necessitados. Embora eu possa sentir-me bem sobre isso no nível conceitual, onde estou, com os pés no chão, na minha prática de solidariedade para com os pobres? A minha vida de oração, a minha espiritualidade, o meu estilo de vida, o meu modo de viver a comunidade, a minha maneira de levar a cabo o meu ministério, à exemplo de Cristo, tem sido impactado pela minha radical preocupação pelos pobres? Eu, também, sou parte do sistema que cria e sustenta a pobreza e a exploração. Todos os bens que eu gozo, todos os confortos que eu tomo como por certo, todas as seguridades que eu sinto como direito próprio, devem desafiar-me a partilhar, mesmo fora da minha necessidade e chamar-me a viver uma espiritualidade de suficiência. Eu sinto que nós religiosos temos a ideia do "cêntuplo" tudo baralhado para atender às nossas necessidades de uma vida confortável! A vida consagrada sempre significará viver no limite e participar nas lutas, nas inseguranças das periferias. Eu gostaria que pudéssemos perguntar aos pobres para nos dar uma avaliação honesta de nossa vida consagrada, baseada no que eles vêem e experimentam!

Nós humildemente reconhecemos que, diante de todas as questões globais de injustiça que nos rodeiam, podemos fazer muito pouco, como indivíduos ou mesmo como comunidades e congregações. Mas imagine, se cada mulher religiosa estendesse os seus braços, mesmo que seja só para algumas pessoas nas margens, veríamos como as margens se transformariam em ilhas de esperança! Deixe-me partilhar com vocês uma das minhas muitas experiências enquanto vivia com os mais pobres entre os pobres Musahars em Bihar. No final de 1970, um grupo de nós, mulheres e homens religiosos, sentimos a chamada para viver a solidariedade com os pobres de uma forma radical. Alguns de nós decidimos partilhar o lote de um dos grupos mais carentes no Norte da Índia, vivendo entre eles em suas pequenas casas de barro e partilhando em suas lutas. Temos de encontrar as nossas próprias

formas de viver a nossa comunidade religiosa e a nossa oração dentro desta nova realidade. Um dia, a pobre senhora, Punia, cuja cabana eu estava compartilhando, perdeu a sua filha de 3 anos de idade pela manhã; e mais tarde no mesmo dia, perdeu o seu filho de cinco anos devido a um surto de cólera. Eu estava tão quebrada e perturbada porque Deus permitiria tal coisa acontecer à essas pobres pessoas indefesas. Eu estava irritada com o sistema que permitiu tal pobreza e miséria. Tudo o que eu podia fazer era chorar em solidariedade com todas as mulheres que choravam daquela aldeia. Papa Francisco, em sua homilia do dia 8 de Julho de 2013, disse: "Nós somos uma sociedade que se esqueceu de como chorar, de como experimentar compaixão, de sofrer com os outros; a globalização da indiferença tirou de nós a capacidade de chorar!"

A minha experiência naquele dia deu origem a uma enxurrada de perguntas, perguntas sobre o sentido da minha vida consagrada, dos meus votos e dos meus ministérios no contexto desta classe de terríveis tragédias que continuam a acontecer na vida de milhões de marginalizados no nosso mundo. Qual é a minha verdadeira identidade? Eu sou quem eu reivindico ser como uma mulher religiosa? Quem se está beneficiando da minha vida comprometida? Será que a minha vida faça qualquer diferença na vida daqueles que mais precisam? Não estou eu, igualmente sucumbida ao consumismo, contribuindo também para um sistema que permite a morte de esses pequeninos? Ouvindo aos pobres com compaixão e permitindo-lhes de tocarem as nossas vidas é, de facto, uma experiência mutuamente transformadora. Sabemos por experiência que os pobres podem ensinar-nos lições de vida que superam toda a teologia e ciência. Tudo o que precisamos é estar presente entre eles com a Presença de Cristo e estar presentes até ao presente!

**Sessão de ruminar: Como a minha vida de religiosa tem realmente impactado os marginalizados: os pobres, os sem-teto, os explorados, e os quebrados?**

**Quais são algumas das formas possíveis para construir a nossa solidariedade global?**

**O diálogo**, inter-religioso e intercultural, sempre será um meio poderoso para fortalecer a Solidariedade Global para a vida. Papa Francisco frequentemente fala sobre a preeminência do diálogo como meio de resolução dos conflitos e construção da solidariedade global. Durante sua visita a Sarajevo em Junho de 2015, ele disse: "O diálogo inter-religioso ... é uma condição indispensável para a paz ... O diálogo é uma escola de humanidade, um construtor de unidade, que ajuda a construir uma sociedade." O diálogo ajuda-nos a mover-nos para mais perto da verdade sobre Deus e sobre o que significa ser humano. O diálogo inter-religioso, a inculturação e a solidariedade com os pobres em suas lutas pela dignidade humana, são três importantes dimensões da nossa missão hoje. Nelson Mandela disse: "Se você quer fazer as pazes com seu inimigo, você tem que trabalhar com o seu inimigo. Depois disso, ele torna-se o seu parceiro." Eu acredito que, como mulheres religiosas, temos um tremendo potencial e possibilidades de ser negociadoras de paz, abrindo as portas para a redução da raiva, a reconciliação, a mediação para a paz e cura. Mas, estamos suficientemente preparadas e prontas para iniciar e cultivar uma cultura de diálogo em vários níveis?

O diálogo é um modo de vida. Lembro-me duma das minhas experiências durante a minha vida entre os pobres. Duas de nós partilhamos uma pequena cabana de barro com uma família pobre numa aldeia Hindu. Na cabana adjacente vivia uma mulher de idade muito religiosa que faz o seu *puja* diário (rituais de adoração) sobre a pedra sagrada que tinha consagrado num canto de sua pequena cabana. Como uma jovem irmã educada e entusiasta, mas inexperiente, eu estava ansiosa em revolucionar a condição miserável da "pobre supersticiosa e analfabeta"! Um dia, encontrei-me com esta minha amiga quando ela terminou a adoração e eu não pude resistir o meu desejo de chamar a sua atenção pela falta de sentido em adorar a "pedra" e então disse-lhe: "Nani [avó], por que você adora a pedra? Deus não está nessa pedra. Deus vive em nossos corações." A sua única resposta para mim foi um olhar amoroso e um sorriso gentil. No Domingo seguinte, a Santa Missa foi celebrada na nossa cabana de aldeia e minha amiga veio e tomou o seu lugar ao meu lado. Depois da comunhão, quando estava orando, ela me cutucou suavemente e sussurrou no meu ouvido: "Ouça, minha filha, ontem você disse que o meu Deus não estava na pedra que adorava. Mas então, como é que o seu Deus está no pão que você apenas comeu agora?" Eu fiquei sem palavras. Foi esse questionamento oportuno pela minha amiga analfabeta porém sábia, que despertou-me para a percepção de que a humildade, a compaixão e o respeito profundo, são ingredientes essenciais da verdadeira comunhão e diálogo que transformam as relações. Sim, os pobres são os nossos melhores professores na arte do diálogo e da solidariedade.

**Vivência Intercultural** é outra poderosa expressão de solidariedade global em nosso mundo intercultural. Dentro de uma congregação e entre as congregações, a nossa vida intercultural que está centrada em Jesus, partilhando uma visão e missão comum, é um poderoso testemunho para o nosso mundo quebrado e dividido. Fr. Anthony Gittins diz: "vivência Intercultural é um autêntico discipulado vivido juntos por pessoas culturalmente diferentes ... [Isso] não é fácil, mas é desejável e urgentemente necessário ... Vivência Intercultural é o futuro da vida religiosa internacional. A menos que as comunidades internacionais tornam-se interculturais, elas não vão sobreviver." (Congresso da Conferência de Formação Religiosa 2011).

Se colocarmos a nossa chamada para a vivência intercultural à disposição dos mais marginalizados, eles têm muito a dizer-nos sobre o dom da nossa interculturalidade. Eu acredito que o testemunho de uma comunidade intercultural pode desempenhar um papel crucial no processo de reconciliação e cura entre os pobres, os refugiados, os moradores de favelas, e todos aqueles que foram forçados a viver numa realidade multicultural e multi-religioso. O testemunho de uma vida de harmonia em meio de conflitos culturais, sociais e religiosos é de facto uma marca visível e credível do Reino de Deus. A minha experiência é que vivendo imersas na vida e nas lutas dos marginalizados dará uma nova perspectiva para os nossos próprios desafios interculturais. A formação para a vivência intercultural tem de ser uma prioridade para todas nós.

### **Juntas, globalizamos a solidariedade e a esperança**

*O Catecismo da Igreja Católica* nos recorda que: "A solidariedade internacional é uma exigência de ordem moral; em parte, a paz do mundo depende disso." Mas por que o compromisso com a solidariedade é tão difícil de alcançar? A solidariedade global só é possível quando temos um sentimento de solidariedade entre nós e um sentimento de solidariedade para com os milhões que sofrem nas periferias. Se realmente acreditamos que a solidariedade é um valor fundamental da vida, teremos de encontrar formas e meios para defender a solidariedade em todos os níveis, incluindo na esfera política. Se nós, religiosas, queremos abraçar a solidariedade global como um modo de vida e tornar-nos uma presença transformadora no nosso mundo de hoje, então vamos ter que colocar novas instituições e estruturas nos lugares que dão testemunha deste valor e promovê-lo para mais além de todas as fronteiras.

Na medida em que haja muito mais congregações que enfrentam a diminuição, se nos descuidamos, podemos tornar auto-absorvidas, concentrando a maior parte de nossas energias físicas e espirituais, recursos e prioridades na nossa diminuição, na falta de vocações, nos desafios de manter as nossas instituições, que foram uma vez florescentes e seguras. A questão é: Será que aquelas de nós que somos chamadas à vida consagrada neste momento da história do mundo, sejamos mulheres que correremos o risco de sair das nossas seguridades e confortos (que erroneamente percebemos como o nosso cêntuplo por seguir o pobre homem da Galiléia!) e sair para as periferias existenciais e geográficas com a mensagem evangélica de esperança, de alegria e de vida em plenitude? Podemos nós, religiosas, dizer com convicção e compromisso de que não queremos que os nossos carismas sejam tão institucionalizadas e centralizadas, de modo que perdamos a "picada profética" inerente à nossa chamada para um discipulado e missão mais estreito? Quando nos expomos às vulnerabilidades da vida e da missão nas periferias, vamos descobrir a nossa verdadeira identidade e desígnio em Cristo.

Hoje vamos lembrar com gratidão as mulheres religiosas, talvez algumas nas vossas próprias congregações, que estão respondendo aos ministérios de solidariedade global para mais além dos ministérios tradicionais e institucionais da congregação. Elas acampam as suas tendas entre os mais pobres dos pobres, os migrantes, os refugiados, as pessoas traficadas, as profissionais do sexo, as pessoas que sofrem de vícios, de incapacidades físicas e psicológicas. Hoje em dia existem algumas mulheres religiosas que trabalham com o governo, com as ONG afins, e com grupos e organizações como as ONGs-ONU especialmente nas áreas de tráfico de seres humanos, do fortalecimento das mulheres e raparigas, da migração e de questões de direitos humanos. Elas estão envolvidas na advocacia e lobby em vários níveis para garantir justas políticas e leis em favor dos mais necessitados e marginalizados da sociedade. É apenas um começo, e assim, a pergunta diante de nós hoje é a mesma que foi feita pelo jovem rico do Evangelho: o que *mais* ainda nos falta de fazer, como discípulas de Jesus, na nossa fidelidade a Cristo e a sua missão? O futuro da vida religiosa será decidido nas periferias onde Cristo está em agonia! Para servir aos e com os pobres, precisamos de sair das nossas posições privilegiadas de poder, de controle e de segurança e deslocar-nos existencialmente para as periferias. É lá que vamos redescobrir a 'agenda de Jesus' e testemunhar a sua

missão de unidade, de comunhão e de solidariedade global. Esta chamada tem de ser ouvida para mais além das fronteiras de nossas congregações e da Igreja, de modo a reunir o potencial de transformação nos corações de todas as pessoas de boa vontade em todo o nosso mundo ferido.

### Conclusão

Como mulheres consagradas e comprometidas no nosso mundo globalizado, qual é a nossa mensagem de esperança para os mais vulneráveis, os mais impotentes e os mais pobres nas novas periferias da nossa sociedade? Se todos os religiosos hoje pudessem fazer uma pausa e ouvir, talvez pudéssemos ouvir novamente o desejo do coração de Jesus: *Pai, que eles sejam um, como nós somos um*" (Jo.17:21). Nós também precisamos de ouvir a Sua pergunta angustiada dirigida à nós: *"Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?"* (Mc 4:35-41). Irmãs, nós que temos tudo, e muitas vezes estamos entre as mulheres privilegiadas do nosso mundo; de que temos medo? Qual é a raiz da nossa covardia e do nosso medo? Por que temos medo do futuro, quando sabemos que Deus está ocupado em moldar o nosso futuro, assim como Deus tinha moldado o nosso passado muito mais além das nossas expectativas? Realmente, nós acreditamos em Jesus? Ou a nossa fé é apenas um conceito teológico que facilmente explicamos e ensinamos aos outros? Estamos prontas para atravessar para o outro lado, onde nos espera, um novo modo de ser religiosa, uma nova maneira de interagir com todos os nossos irmãos e irmãs, especialmente com aqueles na periferia; uma nova maneira de interagir com a Mãe Terra?

O clima que estamos a viver entre nós como religiosas e na Igreja em geral é algo como voltar às nossas raízes. Teologicamente e bíblicamente, é um momento de Kairos! Como nós escolhemos a responder à este momento vai decidir o futuro da vida religiosa ministerial. O que é "a mais" e "o diferente" que estou disposto a arriscar, na minha missão profética hoje para garantir que os males como o tráfico de seres humanos, o turismo sexual, o abuso de crianças e mulheres, e a destruição do meio ambiente não terão lugar no nosso mundo? Como mulheres religiosas deste milênio, somos chamados a ser a Eucaristia, que é *tomado, abençoado, partido* para ser compartilhada neste mundo que Deus tanto ama, este mundo que está em caos e escuridão. Esta partilha radical Eucarística vai muito mais além de rezar pelo povo de Deus e pelo mundo de Deus e fazer algumas obras de caridade, que são necessárias! Como Jesus, somos desafiados a encher-nos com uma "imprudência divina" que flui numa paixão por Deus e de compaixão activa pelo povo de Deus, especialmente pelos mais frágeis.

Precisamos urgentemente de encontrar novas formas de relacionar-nos umas com as outras como religiosas, uma nova forma de partilhar o nosso carisma e participar na nossa missão comum e, assim, segurando "todas as coisas em comum", mais além das nossas fronteiras congregacionais e nacionais. Esta é a urgente necessidade da hora. Como líderes de vossas respectivas congregações, é necessário perguntar-nos: onde é que queremos que estejam as nossas irmãs, as nossas comunidades, a nossa congregação, neste mundo globalizado, conectado e ao mesmo tempo dividido; um mundo afligido pelo fundamentalismo violento; um mundo de mega- migração; um mundo de desigualdades extremas entre os que têm e os que não têm; um mundo de fome desumanizante e riqueza escandalosa? Como podemos criar e ampliar os espaços de solidariedade global e em rede, com mulheres e homens, religiosos e leigos, ONGs e outras organizações em parceria na medida em que vamos passando-nos para as periferias de pobreza, de exclusão e de injustiça? As opções diante de nós são muito limitadas: ou viver uma vida religiosa profética com todas as suas consequências de testemunhar a vida e missão de Jesus, em termos reais, ou desaparecer como uma realidade irrelevante.

Permitam-me concluir com as palavras de Miriam MacGillis, OP, "Estamos num momento em que não há garantias quanto ao futuro da Terra. Quais são as novas fronteiras que nos acenam, para as quais estaríamos prontas a sacrificar com alegria as nossas seguridades, o nosso conforto ...? É uma questão de nossas próprias escolhas críticas. E eu acho que nós estamos profundamente em necessidade duma visão transformadora ... uma visão que abre o futuro à esperança."

### Perguntas para discussão em Grupo

1. Na sua opinião, quais são os aspectos não negociáveis da nossa vida e missão como religiosas, independentemente do contexto em que vivemos?

2. Para você e sua comunidade, o que significaria em termos actuais, comprometer-se com as novas periferias do nosso mundo globalizado, no espírito de solidariedade global? Quais são as periferias reais que atraem você neste momento?
3. Quais são algumas das implicações práticas por comprometer-nos a um estilo de vida e ministério de solidariedade global? Como tal compromisso mudaria a compreensão e as estruturas da nossa actual forma de viver a vida religiosa?

#### Referências:

1. Albert Nolan, OP. *Spiritual Growth and the Option for the Poor*. 1984.
2. Papa Bento XVI. *Deus Caritas Est*. 2005.
3. Papa João Paulo II. *Sollicitudo Rei Socialis*. 1988.
4. Sandra Schneiders. *The Ongoing Challenge of Renewal in Contemporary Religious Life*. Um Discurso dirigido à CORI (A Conferência dos Religiosos da Irlanda), Malahide, Co Dublin, 25 de April de 2014.
5. Timothy Scott, CSB. "Pope Francis and the Periphery" CRC Bulletin, Vol 11, Issue #1. Winter 2014
6. Ronald Rohlheiser, OMI. "A Prophetic Mantra about the Poor". August, 2011.
7. S.Kappen, SJ, ed. *Jesus Today*. An AICUF Publication, India.
8. Sister Mary Sujita. *Input for the General Chapter of the Medical Mission Sisters*, Pune, India, Outubro de 2015.
9. George M Soares-Prabhu SJ. "The Spirituality of Jesus as a Spirituality of Solidarity and Struggle".
10. *Globalization and Human Solidarity* por Tissa Balasuriya- do material preparado para Religião Online por Ted & Winnie Brock.)

#### Irmã Mary Sujita, SND

*Nascida em Kerala, na Índia, a irmã Mary Sujita entrou na Congregação das Irmãs de Notre Dame como missionária em Bihar, Norte da Índia. Depois de completar a sua formação inicial da vida religiosa no Norte da Índia,*

*Ir. Sujita fez os seus estudos universitários em Bombaim conseguindo um Mestrado em Serviço Social e Diploma em Comunicações de Mass Media. Ela foi Superiora Geral de sua Congregação por dois mandatos.*